

JORNAL: Revista Arte LOCAL: Quomabara

DATA: 10/12/1953 AUTOR: Lucy Teixeira

TÍTULO: As Crianças Pintam

ASSUNTO: Curso de Arte Infantil Ed. Darke

Reportagem.

As crianças pintam

LUCY TEIXEIRA

AS CRIANÇAS PINTAM

Quinta-feira e sábado à tarde, Ivan Serpa se encontra com crianças no vigésimo andar do Edifício Municipal, à rua 13 de Maio. Ai, nessas alturas, o pintor concreto se transforma subitamente num companheiro mais velho e nem por isso mais grave, um rapaz que vai ajudar as crianças na descoberta de um mundo conquistado com tinta, pincel e... lápis de cor.

Um mundo onde o artista e professor toma susto e perde o equilíbrio e procura conter a emoção na exclamação em voz baixa: "Que beleza!"



dar. Agora eis que o

HELOISA E O "FABULOSO"

Mas o que teria visto Ivan Serpa? A fada Melusina? Não, senhores. A fada Melusina é do reino del-rei Merlin, onde a estrada permitida é unicamente o sonho. Mas estamos no vigésimo andar do Edifício Municipal, entre cavaletes, paletas, tubos de tintas e aventais completamente pintados...

O que Ivan Serpa contempla, e que é mesmo uma beleza, é a paisagem de Heloisa Meira Lima, que não se dá conta de nada e continua a pintar misturando um azul lindo, onde mergulháramos de repente se fôssemos poetas ou mágicos. E o "fabuloso"? O "fabuloso" é o menino que pinta igrejas esquisitíssimas, negras, trágicas, imperturbáveis. O menino José, isto é, o "fabuloso", deu agora para pintar paisagens e nelas está sempre presente aquela escura misteriosidade das suas igrejas.

A MENINA QUE SE CHAMA LÚCIA

Na verdade, ela só poderia ter este nome não só por ser irmã da Heloisa como pelas risadas súbitas depois que termina seus bonecos narizudos e de olhos buliçosos, a cuja alegria irônica a própria autora não resiste. Nesse momento o passeio de um adulto pela sala seria benéfico e salutar; talvez toda a gratuita sisedez estabelecida entre o ser e a vida poderia diminuir na contemplação desses bonecos tidos como loucos e que fascinam pela saudável irresponsabilidade...

JORNAL: Revista Arte LOCAL: Quomabara

DATA: 10/12/1953 AUTOR: Lucy Teisceira

TÍTULO: As Crianças Pintam

ASSUNTO: Curso de Arte Infantil Ed. Darke

Reportagem.

A TURMINHA

A turminha que o reporter conheceu é toda importante. Na verdade, nessa escola não há estrelismo. Todos são pintores e todos fazem quadros lindos; todos merecem "Que beleza!" Desde a pequenina Eliane, que "poderia dormir sobre um jasmim", ao silencioso Ayrton, passando por Teresinha, Mário, Luís Roberto, Luís Otávio, Clélia Maria (ah, que árvores e que rios...), Ana Lucia (paisagens... paisagens...), Leila (meus senhores, a única abstrata). E o menino Luís Carlos, que pinta o farol e pinta o avental, as mãos e o nariz. E o Ivan, que ajuda a limpar os pincéis, e o outro Mário do nariz arrebitado. E mais a lourinha Amélia Margarida e tantos que não lembro agora e estou triste porque gostaria de escrever todos os nomes aqui. Viva o Aluísio e viva o Gilberto e viva, por fim, o pequenino André de olhos azuis, meio oblíquos como um pássaro quietinho a pintar, a pintar e a pintar...

O REINO SE DESVENDA

Um ano de trabalho e de encontros nessas alturas do vigésimo andar. Agora eis que o

Museu de Arte Moderna, instituição que organiza e mantém essas outras aulas, inaugurou em dezembro, no dia 15, a Segunda Exposição de Arte Infantil. Não sabemos de presente de Natal mais maravilhoso que os pais desses alunos possam receber.

Nos salões do Museu são eles que ficam extasiados e deslumbrados diante daquelas telas onde a realidade da beleza não tem qualquer explicação, onde apenas se pode afirmar que a sua descoberta teve a vigília de um jovem pintor que, duas vezes por semana, esquecido de teorias e conceitos, ali esteve presente, a ajudar sem constranger a ingenuidade e a riqueza do mundo infantil.

A EXPOSIÇÃO

E naturalmente lá estivemos todos, sócios



e convidados do Museu para ver a Segunda Exposição de Arte Infantil, onde fomos encontrar, além de tantos quadros reveladores dos pequenos pintores, os quadros da menina Analuce, que já compareceu à Primeira Exposição do ano passado. Eu poderia falar dos seus quadros horas e horas, mas eu gostaria de falar primeiro daquele elefante negro e dócil que num engano invencível levaria para a minha casa, quem sabe à esquerda da minha mesa...



instituto de arte contemporânea

ARTE n° 11 vol. III - 1953
julho-dez.